

Huguetta Gallo

Instagram: @huguetta.gallo
E-mail: huguetta.gallo@gmail.com

Samba, Chuva, Suor e Fantasia

Nem o “pé d’água” segurou a galera. O segundo final de semana de pré-carnaval em Campinas provou que, com capa de chuva ou sem, a folia não para. Destaques para o “Bloco do Bob”, que transformou o Largo Santa Cruz, no Cambuí, em uma verdadeira passarela pet. Entre uma lambida e outra, o clima foi de muita animação e, claro, propósito. Além da diversão, o bloco reforçou a luta pelos direitos dos animais, levantando a bandeira de justiça pelo cão Orelha, caso que gerou comoção nacional. Na Praça Carlos Gomes o “Cordão da Ruidosa” chegou com seu tradicional bloco que neste ano comemora 10 anos de história. A animação contou com a participação dos blocos “Bando de Corruíras”, “Unidos” e “Alma Folia”, ampliando a experiência carnavalesca e fortalecendo a tradição dos desfiles e cortejos de rua. Os clubes também promoveram sua agitação!



Angela Pace



Elza Morelli, Ida Helena Poltronieri e Débora Guimaraes



Flavia Jorge Stephansen



Luciana Arruda e Regia Russel



Lauro Soares e Claudio Ferreira



De caixa de supermercado e operário de armazém a estrela internacional da música

Halftime Show

Bad Bunny fez história na noite de domingo com a primeira apresentação em espanhol no maior evento da TV estadunidense: o show de intervalo do “Super Bowl”. O lema da noite foi “Que rico es ser latino”, uma exaltação aos países e culturas da América Latina (inclusive o Brasil). Abertamente contrário ao trabalho altamente repressivo dos agentes do Serviço de Imigração e Alfândega (ICE) americano, o cantor porto-riquenho se destaca entre as celebridades da música pop como um grande símbolo da oposição ao governo Trump. No último dia 1º de fevereiro, o cantor fez história ao se consagrar vencedor da categoria álbum do ano com “Debí Tirar Más Fotos”. Foi a primeira vez que um álbum em espanhol levou o prêmio mais prestigiado da Recording Academy. O momento mais fofo veio no final “A única coisa mais poderosa que o ódio é o amor”, dizia um telão atrás do cantor.

Entre a Folia Popular e a Elite

No século XIX, o Carnaval de Campinas era marcado por um profundo abismo social. Enquanto as ruas eram tomadas pelo caos festivo do entrudo (o Carnaval no Brasil começou em 1723, quando portugueses chegaram das ilhas da Madeira, Açores e Cabo Verde e a principal piada consistia em jogar água uns nos outros) os salões do Teatro São Carlos abrigavam a celebração oficial da elite — um evento restrito onde o acesso era condicionado ao pagamento de taxas e proibido para mulheres. Caracterizado por batalhas de água, “limões de cheiro” e seringas, o festejo ocupava o espaço público de forma orgânica. Diferente das normas rígidas do teatro, o entrudo permitia a participação ativa das mulheres, que se lançavam nas disputas de água e aromas pelas ruas da cidade. Os desfiles oficiais seguiam um itinerário rigoroso pelas principais artérias da Campinas antiga. O cortejo percorria vias históricas, como as ruas da Ponte (atual Major Solon), do Comércio (Dr. Quirino) e do Rosário (Francisco Glicério), serpenteando pelo centro até o Largo do Teatro (Ruy Barbosa). O trajeto não era apenas geográfico, mas um símbolo de ocupação do espaço urbano pela classe dominante.